

Boletim

I SÉRIE
 31
 DE
 MAIO
 DE
 1948
 ANO I N.º 11
 PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARQ. JERÓNIMO REIS	REDADORES: ANTÓNIO GAIO CARLOS P. MORAIS	DIRECTOR NIGINO AUGUSTO PIRES	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	COMPOSTO E IMPRESSO TIP. PROGRESSO — ESPINHO —
-------------------------------	------------------------------------------------	----------------------------------	----------------------------------------------------	------------------------------------------------------

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-483 — ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...

I

Isto vai mal.
 Dum lado o Pasmio a dizer sim com a mesma face inexpressiva e com a mesma indiferença com que palita os dentes, após succulento repasto; do outro a Retórica a complicar o simples, a pôr saias compridas onde elas são bem curtas, a procurar dar cor aquilo que, por si, é negro como carvão.

Isto vai mal.
 Dum lado o Nada, do outro Salamaléques; mais ao longe uma redoma dourada.

II

Foi prestada homenagem a Amparo Santiago, o nosso maior do Hoquei Patinado, o homem dos officios, um daqueles que acompanhou os primeiros, difíceis e vacilantes passos da A. Académica.

Foi a propósito disto que me lembrei, depois duma conversa com A. Gaio, da dívida da A. A. para com Lino Duarte da Luz.

Lino Duarte da Luz faleceu o que não justifica que seja esquecido.

III

Sim. Isto vai mal.
 Mas não tanto como possa parecer.

O Pasmio, a Retórica e os Salamaléques, têm a fazer-lhes frente os seus opostos. É uma compensação.

E, se isto vai mal não é motivo para pessimismos. Pode ser até motivo para rir.

Do Pasmio nasce o Cómico; flue o Ridículo; dos Salamaléques brota o grotesco.

Valha-nos isso e, assim, o mal não é tanto como possa parecer.

IV

Não vejo razões algumas para se limitar o âmbito de actividades da Secção Cultural da A. A. ao seu «Boletim».

Depois do magnífico recital de

Continua na pág. 7

EDITORIAL

BABILÓNIA!!

Como natural reflexo das comprovadas inconstâncias de critério e do «pirismo» de determinados orientadores desportivos, incensados pela opinião que formam, erradamente, do seu próprio valor, o público, em geral, e os desportistas, em particular, estão a veriticar a confusão que reina nas hostes desportivas desde as clubistas até às Federativas.

Na verdade quem lê o noticiário desportivo, pode apreciar os ataques e contra-ataques que os homens do desporto movem uns contra os outros. A selecção nacional de futebol foi um dos maiores pontos de partida para a confusão. No basquetebol foi o que se viu, ácerca da coustituição da equipa; no handebol também o seleccionador pediu a demissão por escolher sete ou oito elementos da província. E até no hoquei em patins, antes da vitória neste Campeonato do Mundo, alguns se insurgiram contra o trabalho dos responsáveis. No futebol «queimou-se» Tavares da Silva, para se acabar lembrando-o.

No basquetebol, abandonou-se a melhor equipa para se defender teóricamente a presença de outra bastante inferior; no handebol pretende-se que os nortistas não mereciam a deslocação numerosa que levaram a França. No hoquei em patins então houve de tudo. Primeiro criticas e desconfianças depois dos 5-0 em Espanha. Depois «afirmações de trazer por casa» quanto aos melhores. Finalmente conquistado o título de Campeão da Europa e do Mundo alguns exageros, um tanto ridículos, mesmo daqueles que tanto haviam criticado. Os dirigentes que eram apontados como em queda, passaram a ser apontados como «heróis nacionais».

Exagero, confusão tremenda e falta de noção das realidades. Destempero a que se votam indivíduos que possivelmente, antes do Estado actual se entretinham a fazer revoluçõesinhas para passar tempo e prejudicar o país. E como agora não há lugar para prejuízos essenciais ao socego do país pela ordem que nele impera, vá de adoptar o Desporto como válvula de segurança para os seus defeitos «ancestrais». Não esqueçamos, porém, que nem sempre assim sucede, pois que também existe quem tenha o mando e não saiba mandar, além dos abusos que esse poder lhe confere facilmente.

— Quando será que, na prática, os desejos do governo serão satisfeitos? Quando se verá e sentirá no Desporto Português a necessária rajada de vassoura? Varra-se pois da Torre de Babel, todo este gentio, que nos trás aturdidos pela «linguagem» variada, que só pode traduzir-se por luta desesperada pela vitória fácil e efémera, em prejuízo dos portugueses e da Pátria!?

MARÉS VIVAS

Bom Senso e Senso Comum

Estes dois significativos grupos de vocábulos têm sofrido tratos de polé, através de inúmeras manifestações quer de oratória, quer de escrita.

Confunde-se o *Bom Senso* com o *Senso Comum*, como se algo de confuso possa haver no seu real e intrínseco significado, talvez porque a palavra *senso* pertence a ambas as frases.

Nada porém mais erróneo.

O *Bom Senso* é caracterizado pela justeza, propriedade e subjectividade. O *Senso comum* é caracterizado pela opinião geral, quer essa opinião seja certa ou falível, quer a propriedade, dada pelo conceito, seja expontânea ou forjada objectivamente. Quere dizer: onde está o *Bom Senso* pode não caber o *Senso Comum* e vice-versa. Ora é precisamente esta circunstância que cria lamentáveis polémicas e acções, visto que o *Senso comum* é, muitas vezes, creado como império para uma solução tida e havida como indispensável.

Acontece lamentavelmente, que na direcção das Federações Nacionais, nas Associações Regionais e Clubes o *Bom Senso* não existe, imperando o *Senso comum* de uma comunidade apaixonada e facciosa. E, para cúmulo, também os críticos e articulistas das secções desportivas nos jornais de maior expansão não usam da isenção do *Bom Senso*, para em contrapartida usarem e abusarem da falta de *Senso Comum*.

Em suma, os cérebros tacanhos dos «cérebros» do Desporto acusam, além da mistura de *Bom Senso* com *Senso comum*, a falta notória de ambos os *Sensos*.

Gino Sérpi

VISADO PELA CENSURA

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Mercadoria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto **ESPINHO**

Praçadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — **ESPINHO**

Cadinha & Couto

Armazenistas de Mercadoria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO



CASA SOUSA
PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — **ESPINHO**

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria — La T.ª — Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

(DEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Cozinha Regional

TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
CHÁS E CAFÉS
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
— **UNIÃO** —

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Tel. (fone, 21)
gramas: FADINHA;
APARTADO, 5

Rua 62-**ESPINHO**

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833

ESPINHO

Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO



Sinfonia Fantástica

A frialdade da razão guiava seus passos e a pequena chama que o podia fazer diferente e abrir portas de outros mundos, era pequenina e vacilante, humilde e mísera estrela na noite grande e fria.

Um dia, indefinível melodia, chegou até si e quebrou a monotonia da existência ordenada e rectilínea. A presença dos misteriosos sons, juntos em doce harmonia, toldou o seu norte branco e gelado e fez, da luz trémula e insignificante, enorme e rubra fogueira que aqueceu e animou a estátua viva. E, então, a alma, fremente paixão, conheceu a ternura e o sonho.

Mas a melodia afastou-se e deixou no lugar da minúscula chama o fogo ardente da dor. Junto ao prazer viera o sofrimento. Era, agora, um coração destacadado, moribundo, em demanda da felicidade. O delírio, o medo e o desespero, alternavam na alma anelante e ansiosa que um dia despertara, tocada por misteriosas e suaves vibrações. Espírito esmagado por dolorosa depressão moral, sufocava no meio que envolvia a sua aspiração, o seu norte, com outros anseios diferentes no mesmo redemoinho convulso e cruel.

Só no campo, ora batido por ventos livres ora calmo e sereno, onde a beleza é toda feita de simplicidade e a terra fecunda mostra os frutos do seu amor, encontrava alívio. Longos passeios, maculando o ouro vivo das searas, quebrando a quietude sonhadora das sombras, escutando a aventura do regato cristalino e irrequieto, sossegavam o desespero e animavam a esperança.

Foi numa dessas fugas, em dia cinzento e triste, quando vagueava por um bosque singularmente silencioso, adormecido, que ouviu longínquos sons da sinfonia amada. Pareciam chamá-lo, num apelo maravilhoso e divino.

Correu, louco de alegria, ao encontro do seu amor.

Mas a doce harmonia estava sempre distante, afastando-se e negando a nitidez, a posse completa.

Não podia desistir, agora, que a ouvira de novo e sentira mais vivo o fogo que lhe queimava o coração.

Desesperado, cego de dor, perseguiu a melodia, a voz que o chamara, não cuidando dos obstáculos que lhe barravam o caminho, dos espinhos que dilaceravam o corpo, e da noite escura, apagada.

Prestes a desistir, vencido pela fadiga, arquejante, prostrado no solo, ouviu perto, música, muita música e, mais forte, aquela que buscava.

Com o auxílio de forças, até aí desconhecidas para si, ergueu

TALVEZ SEJA VIDDADI QUE!!!



O L'Air Liquide sempre vai disputar o Campeonato Corporativo de Hoquei em Campo na próxima época...

O sr. Romão Santos já percebeu que não temos nada contra si como homem, mas apenas lhe fazemos «justiça» como antipático da Académica...

Se espera ainda vir a apontar nestas colunas que o seu modo de «sentir» se modificará a nosso respeito...

A selecção nortenha, vencida pela lisboeta por 3-2 não era a melhor selecção do norte... no que se refere aos jogadores efectivos...

O Anibal Lacerda vai voltar a praticar hoquei em patins, razão porque o Rezende precisa acautelar a forma para não baixar de categoria...

O Dr. Amadeu foi muito apreciado como orador em representação da Ass. Patinagem do Norte, durante o programa de recepções aos Campeões do Mundo.

os olhos da terra, levantou-se e viu na sua frente magestosa entrada.

Cambaleante, tremendo de ansiedade, atravessou o portal desconhecido e parou, medroso, ao receber magnífico banho de luz. Estava num salão de baile.

Numerosos pares, e, caso estranho, não tinham rosto, rodopiavam agitados por encantadoras harmonias, sobressaindo aquela que o enfeitiçara. Avançou, procurando a origem do seu amor, e foi arrastado, sentindo-o com maior intensidade, até que enorme alegria lhe esmagou o coração e curou todo o sofrimento. Ouvia, finalmente, em toda a sua exuberância, a melodiosa voz tão ardentemente desejada. Os pares que dançavam tinham desaparecido e cessara a música.

Só existiam ele, na sua frente, uma mulher e a envolvê-los a misteriosa melodia.

Sim, o que ele amava com tamanho ardor era ela, a delicada figura que o fitava. Aproximou-se para a tocar mas, viu-se derrotado, amarfanhado pela maior dor — só encontrara o vácuo. A música maravilhosa desaparecera. Resistiu, descrente — era demasiado cruel.

Agora, na sala de baile, os pares dançavam, olhando-o com desprezo.

Via-lhes nos rostos risos de escárneo.

Fugiu, desiludido, escorraçado por enorme e tremendo còro de gargalhadas.

Entrou numa noite agreste, tempestuosa, agitada por enormes trovões e incendiada.

Não podia mais. Caiu extenuado, o corpo ferido, riscado por rasgões sangrentos, sem alma, a vontade gasta e sentindo enorme vazio.

A ausência do Infante de Sargres na homenagem a «Amparo Santiago» significa não só incompreensão desportiva, como ingratidão àquele elemento que prestou ao Infante diversos serviços de solidariedade, em festivais levados a efeito no rink das Condominhas.

O Secretário-geral da Académica pediu uma licença para poder cumprir o serviço de Secretaria do Sporting.

Assim se prova que os elementos da Académica não descuram os interesses do Sporting.. ao contrário de algumas «esperanças» nesse sentido.

Teremos em Espinho uma edição das obras de «S.ta Engrácia», visto que a paralisação das obras para edificação do novo cinema assim o parecem indicar...

O sr. Armando Crespo, Director-Delegado da «Empresa Espinho-Praia», vai trazer para Espinho a orquestra de Bernard Hilda, que tanto sucesso alcançou em 1945.

Alguma coisa ficara — o sonho, o pesadelo.

Foi erguido, arrastado por muitos braços, de mãos como garras aduncas. Conduziram-no a um cadafalso. E no meio de formidável clamor foi executado. Silêncio. Calma. Nebulosa.

Mas um concerto fantasmagórico findou o silêncio. E nesse concerto, ouviu uma paródia retorcida e burlesca da sua melodia.

No meio de feiticeiros, de bruxas, de figuras diabólicas, num bailado infernal, viu a amada que o chamava.

Deu alguns passos e caiu num enorme poço. Mergulhado no espaço descia vertiginosamente, olhando o céu distante, sem medo. Descendo sempre, para o fundo, direito ao fim, ouvia harmonias conhecidas com sonoridades estranhas numa sinfonia fantástica...

Tal é o drama da «Sinfonia Fantástica» de Hector Berlioz.

Introduzindo na música o poema sinfónico, escreveu, também, o seu esboço biográfico.

Apixonado pela actriz escocesa Henriqueta Smithson, inspirado por um grande amor que não foi correspondido, Berlioz compõe a «Sinfonia Fantástica».

Espírito irrequieto, alma lançada em altos voos ou caindo no desalento, lutando com a época, relutante em aceitar a revolução, a renovação que ele estava operando na música, esqueceu momentaneamente a sua paixão.

Depois de conquistar o Prémio de Roma e da ausência de dois anos em Itália, regressa a Paris e encontra de novo, por acaso, a sua amada.

Passado um ano, casavam na Embaixada de Inglaterra, sendo Liszt uma das testemunhas. En-

tretando a «Sinfonia Fantástica» era dentro da sua música discutida e combatida a composição mais apreciada.

Infeliz no casamento, abandona o lar, antes de partir para uma digressão pela Europa. Conhece o êxito e o fracasso.

Volta a Paris e reconhece nos compatriotas o público mais difícil.

Decorrem os anos. De ânimo batalhador não cede numa luta contínua.

A morte de Henriqueta Smithson vem abrir uma pausa de tréguas. Recorda, então, os tempos da mocidade, os princípios duma vida agitada, os sonhos da conquista do mundo e da felicidade que se lhe negou.

Visita novamente a Alemanha, a Austria, a Húngria, a Rússia, a Itália e a Inglaterra.

A «Sinfonia Fantástica» obtém um sucesso imenso.

Entretanto, sentindo-se cansado, abandona a vida pública.

Foram tristes os últimos anos. A morte de seu filho, as doenças e o desgosto da incompreensão que o rodeava, apressaram o fim. Morreu em 1869, com sessenta e cinco anos, o autor dos poemas sinfónicos: Romeu e Julieta, Haroldo em Itália e Danação de Fausto. No final das suas Memórias escreveu — «a minha carreira só seria agradável se eu vivesse cento e quarenta anos».

Não foi preciso tanto tempo. Dois anos depois da sua morte, levantaram-lhe estátuas em Grenoble e Paris, e os principais países europeus organizaram grandiosos festivais de consagração ao autor da «Sinfonia Fantástica».

Nuno Rangei

Vénias e Irreverências

Continuado da pág. 4

mente o prémio da sua má fé.

E' caso para perguntar se será obrigatório aplicar pura e simplesmente a lei quando se verifica que essa aplicação beneficia precisamente aqueles que se situam fora do espírito do legislador. E como é usual que a lei tenha a elasticidade necessária para punir quem transgride, não é de acreditar que os regulamentos ou regras, sirvam para fazer parar o raciocínio indispensável para procurar a solução lógica e moral, para casos invulgares de habilidade criminosa. Devem, forçosamente, existir elementos subsidiários suficientes, para evitar que fiquem impunes provadas faltas, quer elas pertençam ou não aos regulamentos desportivos.

De resto, o caso envolve pessoas e factos vários, que serão tratados com minúcia em artigos de carácter permanente no *Boletim*, para que tudo isto não caia no esquecimento cómodo e mole das águas passadas...

EM JULHO

Número especial, comemorativo do Primeiro Aniversário do «BOLETIM».

VÉNIAS E IRREVERÊNCIAS

A degradação desportiva está
a invadir o Oquei em patins?

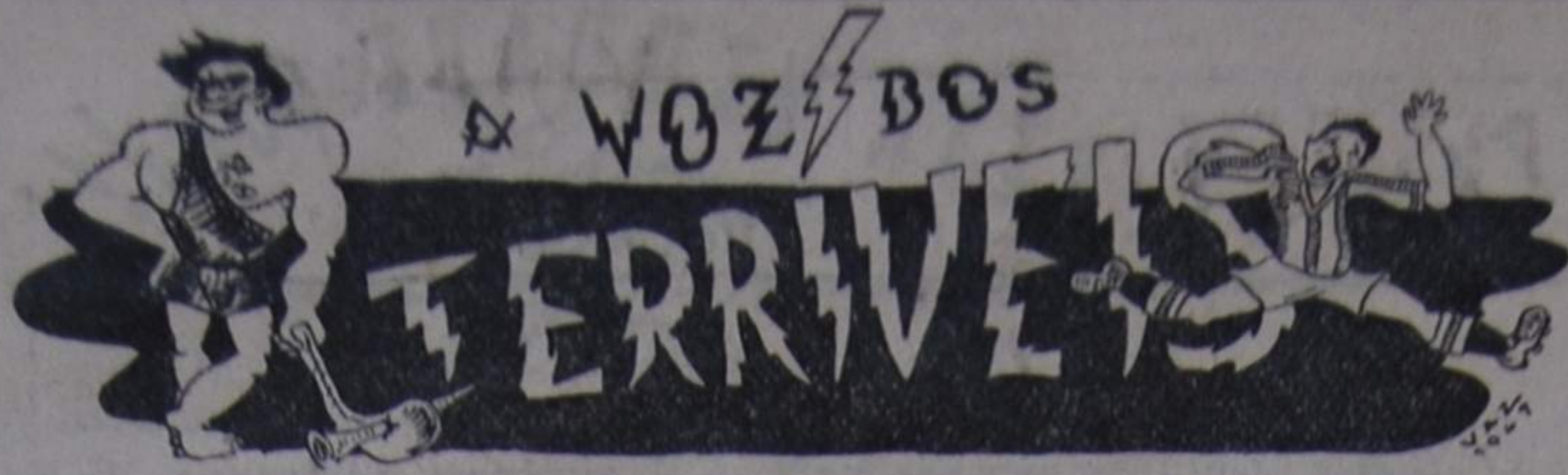
Esta interrogação, que desabona a auréola creada à volta da modalidade que é agora a n.º 1 em Portugal, não é uma interrogação feita «à priori». E se não vejamos: há duas ou três épocas a Ass. Académica, abandonando a letra dos regulamentos, resolveu esperar 45 minutos além do tempo regulamentar, pela equipa do Académico para que o jogo (de campeonato) se realizasse. Abandonou o clube espinhense o direito que lhe assistia de vencer um encontro contra um adversário, nessa ocasião muito superior, para praticar desporto e atender ao que a nossa formação clubista entende por dignidade colectiva. Daí o Académico vencer naturalmente o jogo e conquistar, até, o título de campeão mercê dos 3 pontos que arrecadou e que seriam totalmente perdidos, pela falta de comparência, se esta colectividade espinhense o tivesse desejado.

No domingo 16 de Maio, nos Carvalhos, o mesmo Académico desfalcado de 1 elemento, empatava a 3 tentos com a Académica de Espinho quando o júri, por engano, mandou terminar o jogo 5 minutos antes do tempo regulamentar. Verificado o engano, logo de seguida, foi dito e sabido dos dirigentes do Académico que o engano estava confirmado e que era de toda a conveniência ser terminado o encontro. Mas como está provado que nem todos afinam pela mesma diapasão, quanto à consciência desportiva e à moral a usar entre quem presta espontaneamente um serviço desportivo exemplar, vá de aproveitar a confusão para evitar continuar o jogo para que nova possibilidade pudesse ser conseguida para vencer um adversário que lutava com lealdade.

Ora isto é tudo quanto há de mais imoral, visto que o adversário do Académico nunca usou de habilidades ou chicanas para o vencer a todo custo, como já provou. Toda a má fé e degradação desportiva do sucedido teria, no entanto, o seu lugar na posição moral dos clubes entre si, independentemente da interferência das entidades superiores da Patinagem e, particularmente, da Ass. Regional.

Mas mandar repetir o jogo integralmente, sem qualquer condição punitiva para o Académico, parece iniquidade que brada aos céus, pela imoralidade. Não é crível que possa haver regulamentos ou leis que beneficiem o criminoso, dada a circunstância de confessar a falta, apenas por que na lei não vem especificada punição para a falta cometida. Não conhecemos as leis que regem o hoquei em patins, mas não nos parece provável que tal atitude do Académico possa ser compensada com novo jogo, precisa-

Continua na pág. 3



O silêncio de um "jornalista moralista"...

O articulista desportivo M. C. de B., cronista da rubrica hoquei em patins no «Comércio do Porto», e «fabricante» do Dia Desportivo da E. N., entre outros, que dedica sempre à sua secção predilecta, em que é jogador, a força punitiva da sua pena justiceira, resolveu remeter-se a um cómodo silêncio, que contraria a sua função de informador do público acerca da atitude anti-desportiva do Académico F. C. para com a Ass. Académica por ocasião do encontro entre os citados clubes realizados nos Carvalhos.

Recorda-nos o elogio, perfeitamente merecido, que o indivíduo em questão rendeu à Ass. Académica quando o clube local resolveu não aproveitar o que o regulamento lhe permitia há várias épocas atrás num jogo com o Académico, clube onde pratica o hoquei em patins e patinagem. Recorda-nos também que não poupou o J. Gonçalves, ainda muito recentemente, porque entendeu que a moral pedia a sua divulgação no diário onde pontifica. Ocorre-nos agora perguntar, se o raciocínio que vamos expor não terá lógica?

Quando o Académico beneficiou do desportivismo da Académica foi conveniente incensá-lo para talvez continuar a colher, com o jogador, os bons frutos da «palmira» (assim deve muita gente ter pensado) da atitude dos espinhenses no futuro. Quando se tratou do J. Gonçalves talvez houvesse conveniência em «liquidar» um adversário perigoso nas corridas em patins, não sendo nada mau também que o não tivesse por adversário no hoquei patinado. E como o Académico prevaricou para com a Académica nada lhe deve ter parecido mais justo e correcto, visto que a acção anterior do clube de Espinho merecia e justificava a atitude. E sendo assim não louvou o Académico porque se «conhecia muito» mas também resolveu remeter os seus dotes críticos ao país do esquecimento...

Será preciso dizer mais alguma coisa?

O futebol deixou de
ser um desporto...

O futebol que é chamado, quanto a mim imprópriamente, o Desporto-Rei, está a perder, manifestamente, o cunho desportivo para passar a ser um espectáculo como qualquer outro. E evidente que não basta, para confirmar a afirmação, que os jogadores recebam ordenados mensais ou semanais, mas há outros sintomas que ligados ao facto tor-

nam a prática do futebol de competição, um espectáculo como o cinema ou o teatro. E senão vejamos: há certos clubes em que o expediente é despachado por empregados com ordenado mensal, e em que os orientadores e treinadores recebem chorudas compensações de contrato.

Depois vêm as remunerações às equipas de arbitragem que são pagas razoavelmente. Segue-se o contrato com os massagistas, enfermeiros e médicos, e acaba-se no contrato com os jogadores e nos prémios de seguro. Para fecho note-se os pesados encargos derivados dos impostos do fisco, além das percentagens para as hierarquias desportivas. Quer dizer, os proveitos materiais do futebol, são absorvidos não só pelas próprias necessidades do profissionalismo encoberto, como principalmente por encargos que impedem a rápida melhoria de todas as instalações e apetrechamento de campos, sédes e equipas.

Fica pois demonstrado em traços ligeiros que o futebol já não é um desporto propriamente dito, mas sim um espectáculo que por ser desportivo, não deixa contudo de ter todas as características de espectáculo público e entradas pagas. Qual desporto se seguirá?

Ainda e sempre os "C. T. T."

— Continuam os serviços de distribuição do «Boletim» a constituir tremenda base para queixas dos assinantes. E eles continuam a ter razão.

E nós continuamos a ter razão, também, visto que os jornais são enviados para o correio devidamente cintados e selados. Ora o que está a suceder parece «brincadeira de mau gosto» ou determinante que será explorada junto de quem de direito. E se o chefe da estação de Espinho não for suficiente para solucionar o caso, não será difícil concluir-se que há-de haver quem tome conhecimento dos factos com tantas assinaturas, quantos os assinantes, que são muitas centenas, para se saber a quem cabem as responsabilidades.

Quando tudo se renova e ajusta neste país, ainda há-de aparecer quem teimosamente pretenda meter asneira e retrocesso, só para contrariar femininamente o que é, apesar de tudo, verdade.

Temos às vezes a impressão que o chefe da estação local dos C. T. T. está em férias ou doente e aquilo anda «a la diable».

A ver vamos!!

Lêde, assinai e propagai

BOLETIM

PRIMEIRA
FILA

Livros Novos

"Calendário de Lisboa" - Versos

de Silva Tavares

O Glorioso poeta do "Rosário de Rimas", livro em que fulgura a joia raríssima e cintilante do soneto-inscrição ao Soldado Desconhecido, acaba de atirar para a avidez do público que o admira com mais um punhado de poemas encantadores.

"Calendário de Lisboa" é um livro que tem a característica de todos os livros do Poeta de "Sinceridade": — uma sinceridade permanente e actual. Não é cantando as coisas complexas que os poetas se revelam grandes. Eu entendo isto até muito pelo contrário: — as coisas simples são aquelas que esperam que os grandes poetas as cantem, pois não é simples quem quer, mas quem sabe sê-lo, quem sabe entender as coisas simples e quem sabe conversar com elas na linguagem espiritual duma sensibilidade que passa para além das muralhas de todos os egoísmos e de todos os convencionalismos.

O poeta Silva Tavares está, pela ternura do seu coração e pelo fulgor da sua inteligência, dentro da roda dos poetas simples e grandes da nossa terra, e "Calendário de Lisboa" é mais uma afirmação destas palavras inspiradas na emoção sentida perante a beleza da sua obra.

Vejamos, por exemplo, estes versos, duma naturalidade de água corrente:

Nestas frias manhãs de sol doente
— manhãs com alma mas sem luz nas
(veias —
é que se entende o encanto comovente
que nos leva a gostar de certo feia!

E mais esta estrofe, que sabe a ar lavado, a rosas e a ternura de alma que embalam o espírito e nos obrigam a pensar:

Alguns telhados lembram-nos quintais
com tanto vaso em volta das traqueiras.
Há ninhos de andorinhas nos beirais
e, nas varandas, rubras sardineiras!

E mais estes versos ainda, tirados ao acaso duma página, aberta á sorte:

— A noite desdobrou sobre a cidade
seu manto azul de estrelas lucilantes,
bordado pelas mãos da Claridade
no bastidor do sonho dos Amantes!

Deve ter sido numa noite assim,
diáfana, serena, abafadiça
e, por certo num, banco de jardim
que nasceu o pecado da preguiça!...

Evidentemente que a alma de Silva Tavares continua moça, como são moços os seus pensamentos, moços os seus versos, moços os seus anseios de beleza — e não se escrevem destas coisas sem que uma chama interior as anime, e lhe dê vida, e fulgor, e humanidade. Sim, porque sem humanidade não há versos que emocionem, por mais burilados que os seus autores os apresentem.

E como muito mais do que

Continua na pág. 2

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

JORNALISMO DESPORTIVO

O crítico desportivo carece de honestidade e conhecimentos técnicos da modalidade que critica. A falta de um destes elementos fundamentais redundará em falseamento da finalidade a atingir, provocando desorientação e, por vezes, ressentimentos, no público leitor. O jornalista ao cumprir a sua missão não é atleta, simpático nem inimigo dos indivíduos ou colectividades em luta e a falta de cumprimento deste preceito proíbe-lhe poder, honesta e imparcialmente, tornar público o desenrolar dos prêmios desportivos, analisando os defeitos ou primores técnicos e táticos de execução, salientando ou reprovando atitudes individuais e colectivas, dando, em suma, uma exacta noção dos acontecimentos, plena de verdade. Infortunadamente os jornais diários nortenhos têm sido mal servidos por alguns dos seus cronistas desportivos, em grande parte recrutados entre os antigos ou actuais praticantes das diversas modalidades. As suas crónicas são desonestas por vezes, outras demonstram ignorância, chegando infelizmente a reunir-se os dois defeitos em prejuízo evidente do desporto. Torcem-se verdades para satisfazer interesses ou simpatias pessoais; deformam-se regras basilares da prática de certas modalidades por falta de conhecimentos técnicos. Quando o cronista é também atleta, dão-se então, por vezes, casos repugnantes. O seu club, que, está claro, é o «melhor do mundo», exhibe-se magnificamente quando ganha, joga desfalcado ou é prejudicado pela arbitragem quando perde inesperadamente e sem apelo, enquanto que, paralelamente, os clubs adversários são uns «chancas», jogam sempre com a equipa completa e beneficiam da complacência ou simpatia do árbitro.

É tempo de arripiar caminho. Integrem-se nos cânones do jornalismo desportivo, acatem as suas regras, elucidem o público com isenção e imparcialidade porque isto de ser cronista desportivo não é brincadeira de criança.

P. M.

Hoquei em Patins

TAÇA DE HONRA-1948

Para a disputa do torneio com o título em epígrafe realizou a Académica os jogos que a seguir se relatam:

Académica 17

Paço de Rei 2

Neste jogo disputado no Palácio de Cristal, a Académica bateu copiosamente um adversário estreante na modalidade que se lutou de princípio ao fim com todo o entusiasmo. Ao intervalo já o resultado estava em 10-0. Marcaram: João (8), Abel (7) e A. Alves (2).

Académica — Académico do Porto

Perante um Académico desfalcado de Manuel Fernandes, a equipa local teve uma exibição amorfa que não lhe permitiu fazer melhor que um empate a 3 bolas ao fim de 35 minutos de jogo. O juri, por lapso, deu por terminado o jogo quando faltavam ainda cinco minutos para completar o tempo legal. Verificado o engano pelo árbitro, Laurentino Soares, as equipas, que, nessa altura, se dirigiam ainda aos balneários, foram chamadas ao Rink, recusando-se a do Académico a comparecer. A lógica ordenaria castigo de falta de comparecimento ao Académico ou, de modo mais branda, que se

fizesse um jogo de 5 minutos para legalização perfeita do caso. No entanto, nesta coisa de desporto, acima da lógica andam os regulamentos, que desconhecemos, e teremos de aguardar a resolução dos dirigentes associativos. Abel (2) e João marcaram os «goals» da sua equipa.

Académica 9

Vigorosa 4

A Académica venceu com nitidez o Vigorosa após exibição brilhante, em especial na 2.ª parte. Depois de sofrerem uma bola nos primeiros minutos de luta, anicharam quatro nas redes dos estrelistas. A saída de Moraes por avaria nos patins provocou certa desorientação na equipa, permitindo que o resultado da 1.ª parte se fixasse em 4-3. Após o intervalo a Académica teve actualização certa que lhe permitiu marcar mais cinco bolas contra uma do Vigorosa. Abel e João fizeram as bolas da Académica.

Académica 1

Infante de Sagres 9

Perante um grupo que lhe é superior a Académica foi largamente batida. A constante infelicidade, que perseguiu os locais com lesionamentos, avarias nos patins e expulsões, permitiu tão copiosa derrota. Saliente-se Manuel Soares do grupo adversário sem o qual a turma do Infante nunca passaria do vulgar. Aos atletas da Académica o agradecimento pela forma animosa como jogaram não obstante o volume dos números.

Voleibol

Campeonato Regional

Tem decorrido normalmente e com entusiasmo esta competição que reúne, numa luta animada e interessante, os melhores clubes do Norte.

Com um conjunto de valores mais equilibrados que o ano anterior, visto que o centro Universitário e o Leça F. C. são incontestavelmente superiores ao Sport C. do Porto e à Cuf, baixados à 2.ª Divisão, este campeonato tem-nos oferecido mercê da incerteza dos resultados, uma época brilhante.

Acabada a primeira volta e já iniciada a segunda, encontramos o Sporting de Espinho no primeiro posto da classificação, ocupando o grupo da Associação Académica o penúltimo lugar.

Acêrca do comportamento dos clubes locais achamos oportuno tecer algumas considerações para melhor compreensão de factos e valores.

A Académica com um grupo cheio de bons jogadores, mas fraco no conjunto que afinal é o segredo da vitória neste desporto, conta até agora só com uma vitória e por via disso se justifica a sua situação na tabela da classificação geral. Analisando as causas que possam ter influido na crise que o grupo actualmente atravessa, achamos em primeiro lugar o facto de não haver uma formação definitiva que permita alcançar aquele espírito de equipa que dá valor e confiança. E só à incompreensão de alguns atletas e à infelicidade do acaso que tem impedido outros de prestarem o seu concurso, se pode atribuir a falta de continuidade na constituição do grupo. Como a seguir à crise técnica sobrevem a quebra moral, temos de contar também com a falta de convicção que impede a exacta noção do valor das possibilidades.

No entanto, contando com o brio próprio dos atletas e acreditando no amor à camisola, esperamos que o grupo da Académica formado por: José Lago, João Simões, Miguel Rocha, Narciso Oliveira, Fernando Neto, Carlos Gayoso, Alberto Ribeiro e Fernando Caldeira, adquira confiança e conquiste um lugar digno dum clube com tão boas tradições adentro deste desporto.

A carreira do Sporting neste torneio regional é a todos os títulos digna de louvor, quer pelos resultados obtidos, quer pelo nível técnico de que dispõe a equipa. Com um conjunto afinado e servido por bons rematadores o grupo que este ano ainda não conheceu a derrota, caminha a passos largos para a conquista do título, o que a dar-se constituirá motivo de orgulho para os desportistas espinhenses.

Certos de que a equipa formada por: Waldemar Brandão, José Bico, Jorge Moreira, Umberto Ruano, Mário Valente, Alberto Alves, Joaquim de Sousa, e Walter Brandão, merecerá a confiança que os seus adeptos nela depositam, aguardamos a obtenção do título que é a justa

recompensa do entusiasmo que a mocidade espinhense dedica à modalidade.

Campeonato Nacional da M. P.

Estão apuradas para as respectivas finais, a realizar em Lisboa, as equipas de cadetes e vanguardistas do Colégio de S. Luís.

Conhecedores do valor dos dois conjuntos, temos fé num bom resultado, embora acreditemos mais no grupo de cadetes, o melhor que até hoje tem defendido as gloriosas tradições do «S. Luís» adentro deste campeonato.

Esperamos que seja, finalmente, obtido este ano o título que premiará o esforço de todos os rapazes que até hoje fizeram o campeão consecutivo, de há cinco anos para cá, do Douro Litoral, e a competência do Dr. António Neves, que quasi se poderia afirmar, tem ensinado Espinho a jogar o Voleibol.

Ping-Pong

A Académica coroou a sua bela vitória no Campeonato da II Divisão do Porto com a passagem para a Divisão superior conseguida em dois jogos efectuados contra o Heroísmo. Em ambos vencemos por 5-4 tendo sido utilizados: Carlos Gaioso, Sílvio Silva e Fernando Caldeira. Cumpre-lhes agora, bem como aos restantes jogadores inscritos treinar com afinco afim de poder ser confirmada a justiça do seu acesso à I Divisão.

Basquetebol

S. L. Benfica 73

A. A. Espinho 5

Assistência fraca em relação à importância do grupo que nos visitava.

O Benfica apesar da baixa técnica que vem atravessando em relação a épocas anteriores e frente a um adversário da categoria do grupo espinhense, fez alarde de uma técnica impecável e construiu sem apreensões o expressivo resultado com que terminou o encontro, se bem que procurasse desfazer a má impressão deixada no jogo com o Vasco da Gama, como deram a entender certos elementos do clube encarnado.

A Académica, gisando por vezes jogadas de bom quilate lutou com afã do primeiro ao último minuto, não havendo nalgumas a devida compensação pela falta que se vem notando na linha da frente dum elemento realizador.

O encontro foi bom e a Académica aguentou com galhardia o ímpeto diabólico dos encarnados e recebendo com soberano desportivismo o subir do marcador.

Os grupos eram assim constituídos: S. L. Benfica Dr. Campos (2), Moraes (2), Sebastião (24), Trindade (7), Homero (24), Jaime João (10), Godinho (3), Leonel (1) e Américo. A Académica—Rocha, Hernani, Pires, Lopes (1), Jorge Horta (2), José Horta e Sérgio (2).

Do Benfica salientamos Dr. Campos, Moraes, Sebastião e Homero, este em grande plano. Nos espinhenses todos cumpriram com realce para Rocha e Hernani e esporadicamente Jorge Horta.

A arbitragem a cargo de Montalvão (S. L. B.) agradou a ambas as partes, não sem ter beneficiado o infractor que neste caso foram os locais.

No almoço realizado no Grande Hotel de Espinho, em honra dos componentes da caravana benfiquista, falaram, enaltecendo ambos os grupos e fazendo votos para uma aproximação cada vez maior entre eles, os senhores Chefe da Secção de Basquetebol do S. L. Benfica, em nome da sua colectividade e J. Souto em nome da Direcção da A. A. de Espinho.



Direção de Florentino Goulart Nogueira

Iniciação à Música

II

A música é uma arte acessível mas requiere sensibilidade auditiva (ouvido musicalmente formado) e cultura musical. Sem estes requisitos é impossível alcançar o significado e a beleza da música. Conquanto os indivíduos com boa sensibilidade auditiva reunam maiores probabilidades de êxito, há-os que, pela leitura e sêde de conhecimentos, conseguem ser profundos nas discussões de assuntos musicais. O ouvido é, no entanto, essencial para se ser bom executante ou apreciador.

Aqueles que têm ouvido delicado e queiram ampliar e desenvolver os seus conhecimentos na matéria devo dizer que a música de dança moderna não é, ao contrário do que se diz frequentemente, "música de pretos". A música de dança foi e será sempre uma grande fonte de ritmos, melodias e combinações instrumentais para a chamada "música de concerto". Muitos compositores a ela recorrem, embora tratando o ritmo e a melodia de maneira diferente: Bach para os temas das suas suítes, Haydn nas melodias de alguns andamentos das suas sinfonias, Beethoven para os rondós e minuets, Chopin para as suas mazurkas, valsas e polacas, Liszt na composição das rapsódias. Mais acentuadamente ainda se utilizaram dela alguns dos modernos compositores como Ravel, Manuel de Falla, Stravinsky, Prokofieff e Gershwin. Quem não conhece os arranjos para jazz sinfónico sobre motivos de dança? A música de jazz sinfónico é uma plataforma para a música de concerto, sendo neste caso os temas tratados e desenvolvidos com maior seriedade e também mais ampliados na grande massa orquestral.

Porque será a música de concerto tam aborrecida para muitos e a de dança tão agradável se há entre elas origens semelhantes? E' que a música de dança utiliza-se da repetição da melodia, tornando assim mais acessível a sua compreensão. O sistema da música de concerto é diverso, sendo os temas ou melodias desenvolvidos e tratados nos diversos instrumentos de maneira menos acessível e de mais lenta compreensão, em especial para um ouvido habituado a música ligeira. Por isso é frequente ver-se que certas pessoas, ao ouvir qualquer trecho de concerto, o seguem com atenção mais ou menos acentuada enquanto os temas são expostos, denunciando desinteresse e certo tédio quando esses temas começam a ser desenvolvidos. Isto é originado pela falta de conhecimentos musicais pois que as qualidades dos grandes mestres se encontram não só nas melodias mas sim na maneira como as desenvolvem.

Beethoven ou Brahms são conhecidos e apreciados pelas suas melodias mas mais ainda pelo desenvolvimento que dão às mesmas. Onde se pode apreciar com toda a amplitude o desenvolvimento dos temas é nas sonatas (para piano) e sinfonias, e não é com deficiente preparação que se apreciam, devidamente, as grandes obras.

Por isso aqueles que desejam adquirir conhecimentos musicais devem seguir uma escala gradual que lhes permitirá, partindo da música de dança e passando pela música ligeira e jazz sinfónico, assimilar por completo e apreciar, devidamente, apoiados numa sólida preparação, as obras dos grandes mestres da música.

Prof. Mário Neves

BIBLIOTECA

Para orientação do leitor, começamos hoje a publicar uma lista das que julgamos serem as 100 melhores obras da literatura Universal:

Ramoiana	(Valmiki)	Contiões	(Jean J. Rousseau)
Bíblia		Cândido	(Voltaire)
Odisseia e Iliada	(Homero)	David Copperfield	(Ch. Dickens)
Oréstia	(Ésquilo)	Fausto	(Goethe)
Geórgicas	(Virgílio)	Viagens de Gulliver	(Swift)
Os Niebelung's		Assim falou Zaratrusta	(Nietzsche)
Em demanda do Santo Graal		Mme Bovary	(Flaubert)
Imitação de Cristo	(Tomás Kempis)	Terra	(Zola)
Amadis de Gaula	(Vasco de Lobeira)	Guerra e Paz	(Tolstoi)
Divina Comédia	(Dante)	Crime e Castigo	(Dostoiéwsky)
Jerusalém Libertada	(Torc. Tasso)	O inimigo do povo	(Ibsen)
Peregrinação	(Fernão Mendes Pinto)	Os tecelões	(Geraldo Hauptmann)
Hamlet	(Shakespeare)	A montanha mágica	(Tomás Mann)
Teatro	(Gil Vicente)	Um homem finito	(Giovanni Papini)
Os Lusíadas	(Luís de Camões)	Contraponto	(Huxley)
Orlando Furioso	(Ariosto)	As vinhas da ira	(John Steinbeck)
Cartas	(S.ta Teresa de Jesus)	Ulysses	(James Joyce)
D. Quixote	(Cervantes)	Poesias	(Teixeira de Pascoais)

POEMA

Tive a tua afeição tão perto, tanto julguei possuí-la, que não posso renunciar a perdê-la. As horas que me deste, os laços que nos prendem, e este sentimento talvez sejam apenas ilusão como as estrelas apegadas a um céu falso e como a lua boiando sobre nada. Mas, para além de tudo, não posso renunciar.

José Roiz

Poesia

O ENIGMA

... Sonho? Realidade? Eu nada sei...
Eu quis a luz do sol que rebrilhava
No píncaro do monte... e não brilhava
Porque sempre foi vão tudo o que amei!

Quis a luz dos teus olhos... e fugiu;
Busquei a luz dos meus e não a vi;
Busquei ver se vivi e o que vivi...
Meu coração nem sabe o que sentiu!

Eu tateio, na noite, sem sentido...
Quero encontrar um sopro de alegria;
Eu busco... busco... em vão! Todo o meu dia
E' pó de chama breve, de vencido...

Sou uma sombra que só mexe, quando
O luar brinca na noite tão comprida;
Sou um morto que vive quando a vida
Se some, lentamente desfiando...

Eu sou uma ironia do meu ser
Que parece, por fora, bem distante;
Eu lentamente vou para o instante
No qual, enfim, me possa conhecer...

...Sonho? Realidade? Eu nada sei...

Emílio Machado

TERRA E CEU

O cavalo formoso, esbelto, altivo,
Linhas nobres e tensas, firmes, puras,
De terrenas e aladas curvaturas,
O cavalo perpassa, fugitivo.

Do meu sangue me explode o imperativo:
Irmandade selvagem, tu procuras
A irmandade total e sem molduras,
O oceano dos rios onde hoje vivo!

No meu sangue, um desejo de corrida...
O instinto vital requer a Vida...
No impulso primário me restauro!

Eia, pois! Grito, e salto p'rá garupa!
Em vertigem correndo e em catadupa,
O cavalo mais eu somos centauro!

Renato de Valnegro

Carta de Longe

Mês de Maio. Mês de rosas, de novenas. Um dia qualquer, vazio e triste, igual a tantos que passaram. Enfim, um destes dias que não apetece lembrar. Chove. Chove desde manhã. É o costume, quando se realizam no Porto as festas do «Maio Florido». O mesmo se passa por alturas da «feira do livro».

Era até uma idea, em épocas de grande estiagem, e em vez das preces habituais, anunciar-se, ainda que por engano, a repetição de qualquer uma dessas iniciativas. Seria limpinho—como por aí se diz em gíria popular. Até os cães beberiam de pé, muito embora nunca visse nenhum a beber, sentado.

Experimentem, que o conselho é de graça como a chuva. Mas voltando ao princípio, que a vida não vai para cantigas, sinto-me incapaz de lhes escrever qualquer coisa que se leia, pois de coisas que não se podem ler andamos nós cheinhos até às pontas dos cabelos—menos os carecas, é claro...

Invade-me toda a nostalgia dum tarde chuvosa. Pois se até me apetece rezar versos de Florbela!... De mais a mais, aproxima-se a noite, ligeirinha. Tudo à minha volta, mergulha em sombra e em silêncio. Só em meu peito, como dentro dum búzio pequenino soluça o mar distante, não se cala jámais a voz magoada do passado! Só em meus olhos, que a vida vem fechando desde o berço, brilha ainda certo facho, aliás tão mortiço, que não me ilumina, nem sequer dois passos além, o caminho negro do futuro!

Mês de Maio. Mês de rosas, de novenas. Um dia qualquer, vazio e triste, que peço a Deus tenha sido, e continue a ser em todo o «Amanhã», um dia em cheio e alegre para toda a gente; enfim, um desses dias que valha a pena lembrar!

*
* *

Depois de nove cartas sem resposta, (aí de quem escreve de longe sem saber a quem!...) foi num alvoroço—é o termo—que tive o gosto de receber a primeira resposta desejada. Deu-ma, no último número do «Boletim», precisamente no mesmo cantinho que lá deixei vago, o Florentino Goulart—um nome que dispensa adjetivos, porque não é por se dizer «Sol radioso» que o sol ganha mais brilho.

Não desejo de modo algum, tecer quaisquer comentários à sua «carta para longe», uma vez que tudo é certo, e belo, e profundo, nas palavras que me dirige, menos—suponho eu—naquelas em que se vislumbra um elogio, que a sinceridade ditou, mas que, por natural modestia, devo considerar um pouco exageradas. É meu dever, até, reenviá-las, com o mesmo frescor, se não com mais perfume, às mãos donde partiram, desgostoso embora de as não poder guardar, mercendo-as.

Mas alguma coisa ficará comigo: o poeta—menino, que, de

UM POUCO DE BOM HUMOR

por DR. VITT HÜSSU

TEMAS CIENTÍFICOS...

O CORPO HUMANO

Há quem divida os homens em altos, médios, baixos e contrabaixos, mas é fora de dúvida que a classe mais aceite é a que os classifica antes em Cabeça—Tronco e Membros. Os membros por sua vez ainda se subdividem em membros superiores, membros inferiores e Membros da Associação Católica de Auxílio às Crianças Abandonadas (M. A. C. A. C. A).

Cabeça—É aqui que se encontram os órgãos de manifesta utilidade, como, por ex, os órgãos da visibilidade, os da audibilidade e muitas vezes, os da infidelidade... os cornêtos.

O órgão da visibilidade é o olho onde temos a considerar sobretudo, a respectiva menina. Aliás esta, só é visível nos indivíduos que usam óculos. Porquanto naqueles que unicamente veem a olho nú, a menina, de ruborizada que fica, passa a vida a esconder-se. Conheci uma que, de escandalizada, passou a viver antes no olho... da rua.

O órgão da visão é também designado por «vista», e nos indivíduos de «vista curta», este facto, está muitas vezes ligado ao desenvolvimento dos respectivos cornêtos.

Tronco—é o elemento de ligação da cabeça com os membros, e onde se encontra situado o órgão central de todo o metabolismo: o coração. O coração regula a circulação do sangue. Esta executa-se da maneira mais exemplar, pois quer nas veias, quer nas grandes artérias, o sangue circula sempre pela direita. Conheci uma vez um glóbulo branco que ao transitar por uma das minhas veias, riu-se tanto, tanto que quasi morreu arrebitado. Era a minha veia humorística, mas o coitado não sabia.

Quanto ao glóbulos vermelhos, foram todos exilados por motivos políticos. Houve contudo um que conseguiu «cavar» a tempo. Também o que lhe valeu foi a veia cava. Hoje vive disfarçado de jardineiro a cavar na aorta.

Além do coração, é no tronco, que igualmente se situam os pulmões, centro de odat a actividade respiratória. Esta compreende 2 partes: a inspiração pela qual os pulmões absorvem o ar e a expiração em que o ar é expellido. Se o organismo deixa de respirar, é que a «expiração» é completa e é mesmo «um ar que lhe dá».

Há contudo indivíduos que não possuem inspiração... para nada. Sem aspirações na vida são uns autênticos aspiradores. Para esses só há uma solução: aspirina.

No tronco da mulher estão situados, tal como no homem, os pulmões por onde ela respira. Conheço contudo certos troncos femininos, na parte correspondente ao busto,

facto, não morreu em mim, porque Alguém, generosamente, o despertou. Se é mister que ele regressasse, ele regressará!...

Obrigado, meu caro Florentino.

Eugénio Palva Freixo

que o homem ao vê-los, não respira... Suspira...

É já que falamos da mulher, será bom salientar a divisão que certos autores fazem do seu corpo: corpo delito e órgãos anexos. Quanto a mim esses autores incorrem num grande erro, porque o corpo da mulher não se divide: multiplica-se...

Talvez seja essa uma das razões porque o tratam por *corpo de delito*, pelo qual o homem tantas vezes perde a cabeça... Conheço contudo quem a perde até por um simples *copo de litro*...

Membros—Os mais importantes são os inferiores. Dividem-se em anca, joelho, barriga da perna e peito do pé. É fora de dúvida que as ancas são mais graciosas na mulher que no homem.

Mas não é menos fora de dúvida que tanto a mulher como o homem, sem pés, não ancam. Mancam...

Origem do Homem—É do consenso unânime dos povos que Deus criou o homem, partindo dum porção de barro fresco.

Assim nasceu Adão Barros, e pouco depois, Eva teve a sua origem numa das costelas de Adão... Uma costela falsa, evidentemente, embora eu conheça quem pela Ivone de Carlo, seria capaz até de largar todo o esqueleto...

Se Adão soubesse as consequências do seu irreflectido gesto, teria pedido a Deus, em vez dum mulher, um combóio de corda, mas o mal está feito e o que é pior, irreparável...

PRIMEIRA

F I L A

Continuado da pág 4

tudo quanto possa dizer-se nesta notícia despretensiosa o dizem os belos versos de Silva Tavares, aqui se regista, á laia de gracioso remate, mais um fragmento dos poemas de «Calendário de Lisboa».

*Lá está N. ssa Senhora, passajando
fraldinha do menino inda de mama,
e, anjos do meu tamanho, andam
(brincando
por sobre nuvens de algodão em rama...*

*Nesse meu céu os cânticos não patam
e as estrelinhas, trémulas, dir-se-ia
serem faúlhas de oiro que saltaram
da fogueira do sol, durante o dia!*

Não é bonito? Não há qualquer coisa de novo nestas velhas maneiras de fazer versos em Portugal?

A edição cuidada, com ilustrações de Nuno Sam Payo, é também demonstração de bom gosto de que é lícito gostar-se e dizer bem.

Pedro Manuel

NOTA:—Fazem-se críticas a todos os livros de que sejam enviados 2 exemplares á Redacção deste «BOLETIM».

A festa de homenagem a

Amparo Santiago

Continuado da pág. 8

bom conjunto, bateram os oliveirenses por 7-4.

Durante um dos intervalos deste festival, entraram no Rink de Patinagem os componentes da equipa portuguesa que venceu recentemente os campeonatos da Europa e do Mundo para receber os aplausos da assistência, tendo-lhe sido oferecido prendas regionais.

Quando terminou o jogo Académico-Carvalhos entraram no rink todas as equipas concorrentes ao torneio, os grupos de juniores que disputaram o jogo preliminar e os miúdos da escola de infantis da Académica que alinharam ao centro do rink. Entraram em seguida o Presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, capitão Santos Romão, Presidente da Associação de Patinagem do Norte, Lopes Gonçalves, outros membros da A. P. N., representantes dos corpos gerentes dos clubes e directores da Académica.

Por entre aplausos vibrantes e sinceros, entrou então, acompanhado de seu irmão Abel Santiago, o homenageado que, visivelmente comovido, recebeu das mãos do Presidente da F. P. P. a medalha de «Mérito e Valor Desportivo», sendo galardoado de igual modo pelo Presidente da A. P. N.

Foram-lhe oferecidas diversas prendas pelos clubes presentes e jogadores da Académica, findo o que foi abraçado por todas as pessoas que estavam no Rink recebendo mais uma vez fartos aplausos.

A noite, na Pensão Particular, realizou-se um jantar de homenagem a Amparo Santiago ao qual assistiram o sr. Dr. Côrte Real, vice-presidente da Câmara, capitão Santos Romão, presidente F. P. P., Lopes Gonçalves, presidente da A. P. N., representantes do Sporting Club de Espinho, Académico Futebol Club e Estrela e Vigorosa, directores da Académica, jogadores e admiradores de Amparo Santiago.

Gostariamos de nos referir pormenorizadamente a este jantar mas o espaço escasseia e não podemos cumprir a nossa vontade.

PEÇO A PALAVRA

Continuado da pág. 1

Florentino, as coisas caíram numa aridez lamentável.

Esta coisa cómoda de nos ficarmos na tal retórica é bem triste. Dá a ideia de *pasmados!*

V

Pasmo e Cómico, Retórica e Ridículo, Salamaléques e Grotesco.

É mais: Cinismo!
Mas há que distinguir:—o cinismo dos hipócritas e o cinismo dos cobardes.

O primeiro é dos aldrabões; o segundo usa a Insinuação e a Retórica, e o seu fim é *lamber as botas e safar o pêlo.*

São os piores.

Klm

SÊ BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SÊ BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

A festa de homenagem a Amparo Santiago

Amparo Santiago, atleta modelo, teve, no passado dia 9, a homenagem que lhe era devida pelo muito que fez em favor do quei em patins e da Académica. Dessa homenagem fez parte um torneio de quei em disputa de uma taça com o seu nome que chamou ao Rink de Patinagem razoável assistência.

Participaram neste torneio, dando prova de magnífica camaradagem e espírito desportivo todos os clubes filiados na Associação de Patinagem do Norte, à excepção do Infante de Sagres cuja ausência, dadas as razões invocadas, é pouco compreensível e profundamente lamentável.

O Académico do Porto, que não obstante dois dos seus mais valiosos elementos terem, no dia anterior, disputado o Norte-Sul, se apresentou com todos os titulares menos o guarda-redes, ganhou com toda a justiça a taça "Amparo Santiago", batendo na final o grupo do Estrela e Vigorosa por 3-2 depois de eliminar, consecutivamente, o Carvalhos (3-2 após prolongamento) e a Escola Livre de Oliveira de Azeiteiros (9-1). Nos restantes jogos disputados os oliveirenses bateram o Paço de Rei por 4-1 e o Vigorosa classificou-se para a final ao bater uma Académica infeliz no remate por 3-2.

Antes do início do torneio, realizou-se um jogo entre os juniores da Académica e os da Escola Livre. Os locais, com

Continua na pág. 7

Toiros e Toiradas

Secção dirigida por: PAQUITO

Cá estamos de novo.

Com o sol quente e alegre voltam as touradas, essas maravilhosas sinfonias de côm onde avultam a bravura do touro e a valentia e arte do toureiro.

Não pudemos deixar de acompanhar o tempo e, entregues à nossa missão, enquanto as primeiras corridas desta época não chegam, vamos oferecer-vos a opinião, a maneira de sentir, de veteranos na arte de bem ver lidar touros.

Será desnecessário frizar a falta de preparação de que dispõe a maior parte da nossa "aficion" para saber assistir a uma corrida.

Certos de que, esclarecendo diversos pormenores da Festa Brava por meio de autorizadas opiniões, contribuiremos para a dignificação dum espectáculo tão maltratado pelo «sangue» e pela ignorância da multidão, começamos as crónicas deste ano, transcrevendo, com a devida vénia, da revista «El Ruedo» o seguinte artigo da autoria de António Diaz-Cañabate.

* * *

«Sucede que muita gente vai aos touros para se divertir e como as touradas não são uma diversão propriamente dita mas sim algo de mais sério, caem na pasmação do aborrecimento, agarrando-se a qualquer incidente fora da lide para se alegrarem. E assim, se um touro salta a barreira estouram as gargalhadas

em toda a Praça. A esta explosão sucedem outras, derivadas dos apuros porque passam aqueles que, naturalmente, procuram fugir do perigo que os ameaça. E então se alguém se atira de cabeça para a arena, faz a felicidade de milhares de boas almas que se congestionam de riso.

Nem todos os touros «saltadores» são mansos ainda que nenhum verdadeiramente bravo salte. Aquele que o faz é porque se sente incomodado na arena e crê da boa fé que, saltando o obstáculo, encontrará o verde prado da sua campina natal. O povo alegra-se com o touro acrobata. A mim só me causa pena. Do touro bravo não se tem compaixão.

O touro bravo é tão forte que a sua fereza nos arrebatava. Vê-lo embebido nos voos da muleta — sempre e quando a maneja um grande toureiro, claro está, — sem um momento de fraqueza, pelo contrário, crescendo de valor, como cresceu a quando da sorte das varas, sem sentir as carnes rasgadas pelo ferro, desprezando o generoso sangue derramado, o touro bravo, sempre pronto a investir contra todo o obstáculo que se mova ante os seus olhos, esmaga-nos de emoção, fazendo esquecer a sua morte próxima e inevitável.

Em troca, o manso, fugindo receoso ou investindo traiçoeiramente, saltando com as bandari-lhas — pobre animal sem sangue de boa casta, nascido para desti-

no mais pacífico — causa-nos dor vê-lo lutar sem ardor e morrer sem glória.

Mas acima de todos o que mais me comove é o «saltador». Porque, embora pareça mal dizê-lo, vemos os touros com sentimentalismo.

Nas touradas sofro e gozo. Por isso me entusiasmo. Por isso a minha aficção não decai. O touro, animal de belíssima estampa, sempre pronto a investir, arranca-nos gritos de admiração que se dissolvem na tristeza de saber que, tão nobre animal vai morrer dentro de minutos. Já não se indulta o touro de bandeira. Nestes trinta e cinco anos que levo vendo corridas, já mais presenciei ao indulto dum touro e no entanto vi lidar muitos de bravura excepcional. Alegrava-me imenso a ressurreição de tal costume. Muito daria para ser espectador das façanhas dum touro de bandeira e vê-lo já curado, a pastar na campina a erva da sua glória, o lombo cheio de cicatrizes, medalhas da sua bravura exemplar.

Tenho de me contentar em ver todas as tentas de machos a que possa assistir. Que espectáculo prodigioso e maravilhoso a tenta de machos! Que alegria ao contemplar o vencedor da prova, seguros de que o espera uma vida paradisíaca: erva aqui, vacas além, longos anos de semental, dono dum harém! Dono e senhor dum sangue que transmitirá a seus filhos para glória dum divisa e honra dum ferro!

Sementais de passo tranquilo e olhar fero, pastando docemente entre as fêmeas, eu quisera ter-vos visto lutar numa arena!

Por todas estas razões, eu não rio quando um touro salta a barreira, pelo contrário dá-me pena».

FOLHETIM MENSAL

de José Côté-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER IMPARCIAL...

Quando o lobo comeu o cordeiro, o caso foi falado. O coelho, roendo uma cenoura, considerou o lobo: um criminoso repugnante. A raposa afirmou, encolhendo os ombros e chupando um osso de galinha que não valia a pena discutir o caso.

Na realidade, cada um, como juiz do lobo, daria sentenças diferentes e afirmaria, perante a sociedade a imparcialidade do seu juízo.

Cada um de nós julga o seu semelhante conforme ele representa ou não uma projecção de nós próprios.

O conceito de imparcialidade não é rígido; nós o deformamos para se moldar

ao nosso modo de sentir e agir.

Vivemos rodeados de ideias convencionais a que queremos dar uma rizeza que não possuímos. Cada um de nós possui uma noção própria de virtude e reage de modo diferente perante uma atitude ou acto do nosso semelhante.

No nosso inconsciente ou sub-consciente existem forças que desconhecemos. Elas comandam os nossos juízes mais do que pensamos. O árbitro dum desafio de foot-ball, por exemplo, deve possuir a qualidade impossível de absoluta imparcialidade. No entanto verificamos que «não viu» os erros cometidos de determinada equipa. Porquê? O público imparcial responderá: porque não é competente ou porque está comprado. Raramente se dão estes casos. Trata-se apenas dum falta de atenção ditada pelo sub-consciente ou inconscientes para proteger o clube com que o árbitro mais simpatiza.

Há árbitros que não ignoram isto. Vão

já para o campo precavidos contra a «traição do sub-inconsciente ou do inconsciente». E verificamos, então, que uma equipa é massacrada com castigos e penalidades.

E o interessante é saber-se que o árbitro é simpatizante da equipa tão maltratada. Verifiquem-se estes factos nos desafios internacionais!

A maneira de reagir do público é desconcertante «visto ser imparcial». Mas, como não existe o apoio de responsabilidade, o inconsciente ou sub-consciente domina, falseando todo o sentido crítico do público.

Eu sei que muitos que lerem este artigo discordarão. Certos conhecimentos de psicanálise não serão de desprezar...

Psicanálise?! gritará o leitor aterrorizado. Agora verifico como isto me parecia tão maluco...

Não discuto. O que só lhes peço é que risquem do dicionário o termo «imparcialidade».

Que isto de ser imparcial é termo bem bonito mas que nada quer dizer...